

A Batalha do Lys

A 9 DE ABRIL DE 1918

E

A ACÇÃO NOTAVEL DAS TROPAS
PORTUGUÊSAS NA MESMA BATALHA

Palestra feita no Liceu Central de Antero
do Quental no dia 9 de Abril de 1930, pelo
capitão de Infantaria Rodrigo Alvares Pereira,
Professor provisório do mesmo Liceu.

EDIÇÃO DO AUTOR

Composto e impresso
na Secção de tipografia
de Fernando d'Alcantara, Rgtda.
Ponta Delgada



22.8231

DEP. LEG.

A Batalha do Lys

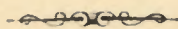
A 9 DE ABRIL DE 1918



A Batalha do Lys

E

A ACÇÃO NOTAVEL DAS TROPAS
PORTUGUÊSAS NA MESMA BATALHA



A. 108576

Palestra feita no Liceu Central de Antero
do Quental no dia 9 de Abril de 1935, pelo
capitão de Infantaria Rodrigo Alvares Perei-
ra, Professor provisório do mesmo Liceu.



EDIÇÃO DO AUTOR

Composto e impresso
na Secção de tipografia
de Fernando d'Alcantara, Rgtda.
Ponta Delgada

A Batalha do Fuz

A 9 DE ABRIL DE 1918

E

A ACÇÃO NOTAVEL DAS TROPAS
PORTUGUEZAS NA MESMA BATALHA

Postura feita no Jantar Central de Hino
do Oficial no dia 9 de Abril de 1918, pelo
capitão de honra João António de Sá
na presença do professor de música João

EDICÃO DO AUTOR
Lisboa, 1918
Impressão de João de Sá
Rua de São Paulo, 10

À Biblioteca Nacional de
Lisboa

Of. o autor

Aos heroicos Combatentes da Grande Guerra, que, esquecidos de tudo e só lembrando o sacratissimo nome da Patria, souberam, em solo extranho, escrever uma brilhante página, que em laminas impereciveis de bronze perpetuam o venerando nome portugês, mais uma vez aureolado em imortais nimbos de admiração, denodo e valentia.

Dedica o seu humilde trabalho

o autor

Ex.^{mo} Senhor Governador Civil
Ex.^{mo} Senhor Reitor dêste Liceu
Ex.^{mo} Senhor Comandante Militar
Heroicos Combatentes da Grande Guerra
Escoteiros de Portugal
Minhas Ilustres Senhoras e Meus Senhores.

Perante o acontecimento estrondoso que ecoou em todos os ângulos do mundo—como rastilho de luz numa imensa e inescurecível trajetória—o 9 de Abril—,... parece suprema ironia ser eu quem levante a voz—descolorida e desautorizada, fria e falha de ornatos,—para neste solenissimo momento vos lembrar o que foi aquele grandioso capitulo do grande livro da Guerra, e que por si só faz uma epopêa, porque traduz flagrantemente uma personificação destemidamente inédita,... e inconfundível entre as personificações máis arriscadas de todos os tempos, de todas as raças e de todas as lútas.

Imaginai minhas senhoras e meus senhores um quadro, cujo aparecimento despertou natural ansiedade de ser visto, porque o autor atingira renome e celebridade.

É celebre entre os mais celebres.

E mais, que um Rafael... um Rubens... um Van Dyck... um Murillo... ou ainda outros, que quais estrelas brilham nos horisontes da arte...

Observeiros o quadro, se é possível, e se possivei é o meu pedido. Num relancear de vista se conhecem logo as finas raridades do espirito do pintor.

Ciencia de composição ;—destresa em concluir ;—arte de expressão. Suas linhas têm a impecabilidade da segurança.

O motivo é impolizante ; é um idilio de amores, onde se vêm corações que se fundiram em élos de ternura e de encantos.

Motivo velho e o mais reproduzido dos pinceis e buris;... mas sempre novo e flagrante de actualidade.

Para que nada lhe falte, as tintas têm o brilho do diamante e a côr das areias no momento que cintilam sob a acção do sol em plena hora de toda a vitalidade do seu brilho e calor.

O fundo é uma nesga, que lembra um retalho caído do próprio céu, opulentado pela policromia de côres, duma manhã de primavera.

Mas agora noto que ao pintor esqueceu uma sombra indispensavel e precisa ao seu quadro, e por isso, adoeceu de monotonia, e morreu de languidez...

Assim o quadro não se compreende; como se não compreendem estrelas sem brilho, flôres sem côr, pinceis sem artista.

Resumidamente o quadro é isto; mas está incompleto porque lhe falta a precisa sombra, para realçar as suas côres...

.....

Este salão é um quadro, onde há a vida, a luz e o movimento. A complexidade de côr de vossas toilettes; a graciosidade de vossas fisionomias; o garbo de vossos olhares doces e penetrantes... tudo (e que não sei qual deva mais admirar) tudo... forma uma esplendida têla; muito mais rica que o quadro descrito... E porquê? Porque ao célebre pintor esqueceu a sombra indispensavel e precisa ao seu quadro, como há pouco disse... o que não sucede a esta esplendida têla. Esta, tem a sombra indispensavel e precisa, que realça o conjunto de suas côres, movimenta as suas figuras, destaca as suas linhas. A sombra sou eu... e porque percebi ser precisa para esta encantadora têla, aqui vim...

E sou feliz, minhas senhoras e meus senhores, cooperando ainda mesmo como sombra nesta sentida comemoração; porque em intensificação de amor pátrio admiro o grande feito, heroicamente desenrolado em terras de França... e que fez erguer ainda mais a fronte altiva e gloriosa do velho Portugal, cuja bandeira, nascida em Ourique, Êle soube orgulhosamente, destemidamente levantar nos castelos mais invenciveis do mundo; e ali recebia Ela então as homenagens da maior prepotencia mundial, que curvava a fronte submissa num gesto de profunda admiração e respeito.

Senhores :

Desde os mais remotos tempos que os exercitos, constituídos primitivamente por bandos de homens, mulheres e crianças e hoje por forças organizadas, disciplinadas e armadas com os mais terríveis engenhos de guerra, defendem o sólo sagrado da Patria ou a reconquistam a golpes de montante ou tiros de canhão.

Quando no condado Portucalense os homens munidos de escudo e dardo com os seus machados á cinta e a cabeça descoberta lançavam sobre o inimigo pedras, flechas e massas de ferro indo até ao corpo a corpo, até á carnificina, pugnavam já pelo ideal da Patria.

Então o combate era iniciado pelos archeiros que lançavam as primeiras flechas preparando o campo para o avanço da arrogante cavalaria.

Só nos séculos XIV e XV é que apareceram a primeira peça e o primeiro arcabuz, que teve como sucessores o mosquete e a espingarda.

Os exercitos passaram a bater-se a distancia, e a arte veio substituir a carnificina tornando-se a guerra uma ciencia que enobreceu a missão do soldado.

O grande alcance das armas e a rapidez do tiro trouxe como consequencia a dificuldade que as grandes massas de tropas passaram a ter para chegar ao contacto.

Passaram a empregar-se os destacamentos constituídos por tropas de todas as armas que tiveram um notavel emprego na guerra anglo-boer em 1899 e na russo-japoneza em 1904. Estes destacamentos alem de combaterem em toda a parte ofereciam uma grande resistencia ao inimigo.

Até ao aparecimento das armas de fogo facil era transpor uma extensão de terreno de 200 metros para chegar ao assalto; as difficul-

dades surgiram porém á medida que foi aumentando o alcance das armas de fogo. Modernamente é necessario que os exercitos sejam constituídos por soldados de elevadissima moral para que sob uma chuva ininterrupta de projecteis avancem sempre adquirindo em cada lanço novas forças e grande vontade de vencer.

A instrução militar de hoje é uma instrução moral, civica e técnica. Em 1900 um general boer apenas com 450 homens obrigou a retirar 3.000 inimigos que entrincheirados defendiam corajosamente uma posição devendo-se aquelle successo ás qualidades morais e guerreiras dos seus soldados. Nesta memoravel campanha os boers chegaram a perder nalgumas batalhas 44 % dos seus efectivos sem que as forças morais se sentissem abaladas, repetindo-se estes factos na guerra russo-japoneza e na Grande Guerra causando a admiração do mundo inteiro.

De aperfeiçoamento em aperfeiçoamento as maquinas de guerra tornaram-se cada vez mais complexas.

Assim o armamento da infantaria que até 1866 era caracterizado pela superioridade de baioneta passou a novas fases de desenvolvimento até á descoberta da polvora sem fumo e desta até nós, até á ultima guerra em que novamente se fez largo emprego da arma branca.

Os francêses que em 1870 empregaram a arma Chassepot com o alcance de 1600 metros contra a Dreyse alemã cujo alcance maximo era de 600 metros, estavam em 1918 munidos de nove especies de armas distribuidas á infantaria.

No começo da guerra a França empregou uma espingarda de repetição com deposito para 8 cartuchos, enquanto os alemães empregavam uma de tiro mais rapido carregando, como a nossa espingarda, 5 cartuchos de cada vez num carregador.

Em 1915 os francêses modificaram a sua espingarda voltando a fazê-lo em 1918, ano em que foram distribuidas á infantaria espingardas automaticas e uma grande quantidade de metralhadoras.

Em 1916 começou o emprego das granadas de espingarda com um alcance de 180 metros, morteiros de trincheira, uma espingarda metralhadora e uma peça de acompanhamento.

E assim chegámos aos carros de assalto e aos formidaveis canhões, cujas fotografias V. Ex.^{as} viram decerto em revistas e jornais.

Esta diversidade de armamentos fez diminuir os efectivos da in-

fantaria—a martir das batalhas—e aumentar os da artilharia que passou a dispor de canhões dos mais variados calibres.

Em 1915 o efectivo da infantaria francesa era de 71,6 % do efectivo do exercito em campanha tendo diminuido sucessivamente até que chegou a 50,4 %; a artilharia, pelo contrario, passou de 18,4 para 36,7 %.

Por outro lado o aperfeiçoamento das armas conduziu ao emprego de meios de defeza utilizando-se em toda a frente de batalha as obras de fortificação para repouso e protecção dos atiradores que assim podiam fazer fogo com relativa calma pondo em prática os ensinamentos de paz.

Só com atiradores cuidadosamente preparados é que se conseguem resultados eficazes, porque debaixo da influencia do medo natural, as pupilas dilatam-se; não se vê a alça; visa-se apenas com o ponto de mira, com a extremidade do cano e muitas vezes dispara-se sem visar.

Se a emoção se torna intensa sob a acção do instincto de conservação de que o homem se torna escravo, faz fogo para qualquer parte mesmo sem encostar a espingarda ao hombro perdendo-se as balas no espaço ou a alguns passos de distancia.

Quando Portugal na memoravel sessão parlamentar de 7 de Agosto de 1914, nobremente se colocou ao lado da sua secular aliada, consciente de que tinha o dever—como paiz latino—de defender a França e a Belgica invadidas e sacrificadas e,—como paiz liberal—de defender a liberdade, elevou-se logo no conceito mundial; e assim, quando a velha Europa parecia ir desmoronar-se como velha fortaleza, cujos alicerces fossem abalados pelo troar incessante da artilharia, Portugal avançou resolutamente, e despertando do seu letargo mandou á guerra os seus homens, os seus soldados, que tinham a sustentar um passado de glorias militares.

Era o mesmo passado indicando a Portugal o verdadeiro caminho do dever e do futuro, fazendo-o entrar no grande conflicto contra a tirania germanica.

E de combate em combate, de trincheira em trincheira, foi o caminho da victoria, demonstrando ao mundo inteiro que ainda havia portuguezes como o glorioso tenente Manuel de Oliveira do 24 de Infantaria, pedindo licença ao seu general para ir morrer onde estava o maior

perigo, erguendo num gesto nobre, belo e digno duma epopeia, o nome sagrado da sua Patria.

Quando a Russia foi posta fóra do combate, os alemães ficaram esperançados de que obrigariam os aliados a pedir a paz, dedicando-se por isso durante o inverno de 1917-18 á preparação do seu exercito que decidiria decerto da sorte dos exercitos aliados. Durante este tempo deram-se pequenos recontros e os exercitos permaneceram entrincheirados a pequena distancia um do outro.

Foi um periodo durante o qual os alemães fizeram novas experiencias com os gazes asfixiantes: —um dos mais terriveis flagelos da Grande Guerra.

Os gazes asflxiautes foram empregados pela primeira vez pelo exercito alemão no dia 22 de Março de 1915 contra todas as disposições internacionais e particularmente contra o estabelecido na disposição de Haia de Julho de 1899.

O primeiro ataque foi feito com um gaz verde-amarelado que causou inumeras vitimas, porque os aliados não estavam preparados para a defeza. Imediatamente foi criada em França a “Inspeção de Estudos e Experiencias Quimicas” com o fim de determinar a natureza daqueles gazes, organizar a defeza e responder com identicos meios de acção.

Observou-se então que eram empregados: o cloro, bromo e brometo de benzil, podendo dividir-se os gazes em duas especies: pesados—que caminhavam sob o impulso do vento, e gazes contidos em granadas que eram arremessadas por canhões ou lançadas por aeroplanos.

Seguidamente apareceram os gazes sufocantes cuja acção sobre as conjunctivas oculares era pequena, inflamando porém as vias respiratorias e provocando tosse, fortes dôres no torax, corrosão dos tecidos pulmonares, edema do pulmão—manifestado por fervores—congestão dos vasos sanguineos do pulmão e aparecimento de escuma rosada na boca.

O individuo atacado por estes gazes passava a sofrer de falta de ar, paralisando depois os centros respiratorios do que resultava a morte. Estas consequencias apareciam horas depois do ataque de gazes e quando não causavam a morte davam lugar a doenças graves como a pneumonia, a bronco-pneumonia ou a gangrena pulmonar. Produzindo uma paragem de respiração, a glote fechava-se, os bronquios contraíam-se, a acção dos musculos respiratorios suspendia-se, ao passo que as contracções aumentavam nas vias respiratorias resultando a sufocação.

Alem destes gazes foram empregados os vesicantes que produzem queimaduras nos olhos, nas vias respiratorias e na pele aparecendo mais tarde uma inflamação das vias respiratorias lesões no coração e tubo digestivo.

Empregaram-se ainda os gazes esternutatorios—que provocavam espirros—os quais davam lugar a dôres na frente, secreções abundantes dos olhos, naris e boca e seguidamente secura da garganta, vomitos, dôres no peito e na região do estomago e uma sensação de repuxamento da pele do rosto. Outros gazes como os lacrimogenios provocavam as lagrimas impedindo o combatente de estar atento no seu posto de vigilancia.

Feito o estudo de todos estes gazes, a França respondeu aos alemães em Setembro de 1915 lançando sobre eles na ofensiva da Champagne as primeiras granadas de gaz.

Era então extraordinaria a actividade dos quimicos aliados que procuravam descobrir novos gazes na constituição dos quais chegaram a empregar o acido cianidrico até que em 1918 a guerra era cruel e traiçoeira, atingindo o maximo da ferocidade humana.

No mês de Maio de 1916 começou em Portugal a instrução das tropas que deviam constituir o Corpo Expedicionario.

No dia 3 de Janeiro de 1917 foi assinada com a Inglaterra uma convenção regulando a cooperação das tropas portuguezas na frente ocidental de batalha constituindo-se então o Corpo Expedicionario Português.

A 18 de Janeiro foi determinada a concentração das tropas tendo partido a 1.^a Brigada para Brest no dia 30 e chegando ali no dia 2 de Fevereiro.

Esta Brigada era constituída pelos Batalhões n.^{os} 7, 15, 21, 22, 28 e 34.

Na segunda quinzena de Dezembro de 1916 tinham já partido algumas missões de oficiais destinadas a preparar a recepção das nossas tropas e frequentar as escolas de especialidades.

No dia 31 de Fevereiro de 1917 partiu o General Tamagnini afim de assumir o comando das tropas portuguesas mobilizando-se seguidamente mais tropas que foram enviadas a pouco e pouco, tendo chegado os batalhões de infantaria n.^{os} 7 e 21 á zona de guerra no dia 7 do referido mês. No dia 3 de Março constituiu-se o Quartel General do Corpo Expedicionario em Aires-sur-la-Lys na Flandres, guardando-se um sector em novembro.

Os comandos das duas divisões que constituíam o Corpo de Exercito foram confiados aos Generais Gomes da Costa e Simas Machado. O Quartel General da 1.^a Divisão (Gomes da Costa) instalou-se em Théroutanne e o da 2.^a Divisão (Simas Machado) em Fauquembregues.

A 11 de Maio foi confiado o sub-sector de Fauquissart a um batalhão de infantaria 34; a 30 o sector de Ferme du Bois á 1.^a Brigada de infantaria, e a 16 de Junho o sector de Neuve Chapelle á 2.^a Brigada.

Neste mesmo dia o Q. G. da 1.^a Divisão passou para Lestrem.

Esta Divisão tinha como reservá uma Brigada inglesa dependente do XI Corpo inglês.

Como V. Ex.^{as} vêem desde o começo o C. E. P. não foi organizado com as tropas necessárias á guarnição dum sector de Corpo, do que resultaram desagradaveis acontecimentos.

A 10 de Julho a 3.^a Brigada ocupou o sector de Fauquissart ficando os sectores de Ferme du Bois—Neuve Chapelle e aquele, a cargo da 1.^a Divisão. Nesta data o Q. G. do Corpo achava-se em St. Venant ficando o Q. G. da 2.^a Divisão em Roquétoire.

Já por esta época—inicio das operações para o Corpo Expedicionario Português—se fazia sentir a falta de efectivos que permitissem

uma acção digna de Portugal, sendo o General Gomes da Costa forçado a fazer sentir ao comandante do Corpo especialmente no que se referia a reservas, constituídas por uma Brigada de instrução.

Os pedidos de reforços eram constantes, vendo-se o comando na necessidade de deslocar brigadas devido ao diminuto efectivo do Corpo.

Em Dezembro deste ano as 2.^{as} Divisões portuguezas ficaram a defender cada uma dois sectores de brigada, sempre sem uma reserva constituída. Os sectores eram então: os de Fauquissart e Chapigny para a 2.^a Divisão; Neuve Chapelle e Ferme du Bois para a 1.^a.

Pouco depois, porém, a 3.^a Brigada passava á 2.^a Divisão, sendo o sector de Neuve Chapelle defendido por aquela Divisão, ficando a 1.^a apenas encarregada da defeza do sector de Ferme du Bois, tendo o Q. G. em Paradis.

Seguiram-se sucessivas organizações de modo que no dia 7 de Abril a frente portugueza estava guarnecida apenas pela 2.^a Divisão.

O C. E. P. dispunha então de 689 officiais e 19.374 praças, faltado-lhe um grande numero.

Emquanto assim se procedia na frente portugueza, os alemães retiraram da frente de batalha as divisões necessarias a uma formidavel ofensiva, dando-lhes uma instrução intensiva e munindo-as dos mais modernos engenhos de guerra.

A infantaria alemã foi dotada com canhões de acompanhamento, morteiros ligeiros e medios, assumindo Ludendorff o comando das divisões do ataque que devia ser feito entre Croisilles a S. E. de Arras e Moeuvre ao mesmo tempo que outro ataque partiria de La Fère.

Na noite de 20 para 21 de Março os alemães dispuzeram na frente de ataque as suas baterias de artilharia e as quarenta divisões destinadas ao ataque.

No dia seguinte pelas 4 horas rompeu o formidavel fogo da artilharia numa frente de 70 quilometros, onde uma onda de metralha rolou varrendo os campos.

Com um pequeno intervalo o relampaguear das bocas de fogo

durou até ás nove horas, abrindo crateras onde podiam caber centenas de homens, e produzindo um denso nevoeiro.

Ás nove horas parte da artilharia passou a fazer fogo de contra-bateria enquanto a outra executava fogo de barragem preparando o assalto da infantaria.

Os estampidos continuavam ininterruptamente causando pavor a quantos se encontravam então na frente de batalha.

A infantaria alemã avançou resoluta, conseguindo ocupar a 2.^a linha ingleza, não conseguindo, porém, o seu objectivo de envolver o saliente de Cambrai com o fim de facilitar a marcha das restantes tropas de ataque.

A ofensiva proseguiu nos dias seguintes, durante os quais a artilharia aliada, furiosa e desesperadamente, cumpriu heroicamente o seu dever, enquanto a infantaria luctava com denodo corpo a corpo.

No dia 27 os alemães ocuparam Montdidier terminando a batalha no dia 4 de Abril sem que o inimigo conseguisse apoderar-se de Amiens.

Não tendo conseguido o seu fim os alemães organizaram imediatamente novo ataque que devia desenvolver-se na planicie do Lys entre Armentières e La Basée, onde se achava o sector confiado á defesa da 2.^a Divisão portugueza, do comando do Grande Militar, figura prestigiosa do Exercito Portuguez, o Marechal Gomes da Costa, infelizmente já falecido.

O C. E. P., achava-se muito desfalcado, tendo a sua 1.^a linha muito enfraquecida. Acrescia ainda o lamentavel facto de as nossas tropas permanecerem nas trincheiras há muito tempo, porque não se cumpria o dever de as substituir por tropas frescas.

Estes factos não eram desconhecidos do inimigo que planeou romper a linha de Bois Grenier a La Bassée, abrindo caminho até á costa, depois de ter enfraquecido o sector portuguez com successivos ataques e bombardeamentos em Chapigny, Neuve Chapelle e por vezes em toda a frente portugueza.

O sector portuguez compreendido entre o Canal de Aire e La Bassée e o curso canalizado do Lys ocupava uma planicie baixa, entrecortada de cursos de agua, valas e drenos e sujeita a inundações.

Dominado a Este pelas alturas de Helies—Aubers estava naturalmente indicado para um ataque inimigo não se prestando a uma ofensiva portuguesa e para o defender estava apenas a 2.^a Divisão com 5 meses de serviço de 1.^a linha tempo durante o qual por 3 vezes foram rendidas as tropas inglêsas.

A 1.^a Divisão exausta por uma permanencia de 9 meses na 1.^a linha retirára no dia 6 de abril, a 2.^a divisão devia retirar no dia 8.

Na Grande Guerra a defesa da frente de batalha era feita por uma extraordinaria diversidade de tropas dispostas em tres zonas: zona de defesa á rectaguarda, zona de batalha e zona avançada.

A primeira era constituída por postos isolados destinados a defender estradas importantes constituindo o esboço duma nova frente. Nesta zona ficavam os Quartéis Generais das Divisões em 1.^a linha.

A zona de batalha compreendia a 2.^a linha de defesa ou linha do corpo e a linha intermedia ou linha das aldeias.

A 2.^a linha desta zona era constituída por grandes postos ligados por uma faixa de arame ou por um entrincheiramento continuo ficando a cerca de 6.000 metros da linha da frente servindo de base para a organização e ponto de partida da contra-ofensiva.

A linha das aldeias, a cerca de 3.000 metros da 1.^a linha, era formada por postos com abrigos para morteiros e metralhadoras, constituindo centros de resistencia, cercados de arame e ligados entre si por faxas discontinuas do mesmo arame.

Nesta linha ficavam os postos de comando dos sectores ou Quartéis Generais de Brigada.

Á zona avançada pertencia a 1.^a linha de defesa ou sistema frontal com uma profundidade de 1.500 a 1.800 metros, constituída por outras 3 linhas; linha de reserva ou linha C; 2.^a linha, linha de apoio ou linha B; e 1.^a linha, linha avançada ou linha A.

A linha C situada de 500 a 800 metros á rectaguarda da linha B era uma posição de socorro, ponto de reunião das reservas dos sectores para contra-atacar. Esta linha era occupada pelas companhias dos batalhões de apoio e constituída por postos ou pequenos reductos protegidos por arame farpado. Nesta linha ficavam os comandos dos batalhões dos sub-sectorés.

A linha B era uma trincheira de combate travesada, 400 metros á rectaguarda da linha A e protegida por uma faixa de arame com 6 metros de largura flanqueada por fogos de metralhadora pesada e com abrigos para pessoal, paioes, etc.. Era a linha principal de resistencia onde ficavam os comandos das companhias de 1.^a linha.

A linha A era constituída por uma trincheira de combate com postos intercalados e 3 faixas de arame farpado de 3 metros de largura distanciadas 10 metros.

Nesta linha existiam numerosos postos de metralhadoras ligeiras e granadeiros.

A 100 ou 200 metros á rectaguarda desta linha existia uma outra denominada—linha de suporte—defendida por arame e que servia para abrigar as tropas desnecessarias á 1.^a linha.

Nos primeiros dias do mês de abril foi extraordinaria a actividade aerea inimiga. Os aeroplanos voavam muito baixo sobre as linhas portugêsas.

No dia 8 surgiu a desejada ordem de rendição.

A 55.^a Divisão Inglêsa á direita da nossa deveria ocupar tambem o sector de Ferme du Bois na noite de 9 para 10.

A 50.^a devia ocupar na mesma noite Neuve Chapelle e Fauquissart constituindo tambem a reserva.

O comando da Divisão portugêsa seria rendido pelo da 50.^a ás 10 horas do dia 10, retirando as nossas tropas afim de constituirem a reserva do XI Corpo Inglês com o Quartel General em St. Venant.

A artilharia portugêsa conservar-se-ia ainda na frente.

Vejamos agora o dispositivo alemão na frente de batalha :

Na extrema direita—do mar ao Oise—estava o Grupo de Exercícios do Principe Rupprecht da Baviera.

Em frente do 1.^o Exercito inglês—do Lys a Acheville a S. E. de Lens—estava o VI Exercito de Von Quast composto de 9 divisões.

De Armentières ao Canal de La Basseé os alemães dispuseram 4

divisões e desenvolveram no ataque de La Basseé a Bois Grenier 7 divisões em 1.^a linha, 5 de apoio e 1 de reserva.

Para resistir a este ataque os aliados dispunham de 6 divisões, menos de metade das forças atacantes.

Faz hoje precisamente 12 anos que se travou essa formidável batalha, onde as tropas portuguezas afirmaram o seu altissimo valor e extraordinaria coragem, resistindo heroicamente a um inimigo valoroso, na proporção de 1 para 1.000, e vencendo porque conseguiram por coragem e denodo opor-se a que o inimigo atingisse o seu objectivo.

É por esse acontecimento, grandioso e épico, Senhoras e Senhores, que este dia deve ser de festa; deve ser considerado o Grande Dia de Portugal; porque embora lembre com suprema dôr e tristesa muitos dos nossos que baquearam para honra da Patria, ao mesmo tempo recorda um memoravel dia de victoria; de victoria que veio encher de supremo orgulho a grande e destemida Alma Portuguezsa, dando-lhe mais um soberbo capitulo para a sua historia, cujos feitos ali narrados fazem desta pequena nesga do Ocidente a maior entre as maiores; porque foi e é celebre por suas heroicidades, sabendo pôr acima do perigo e da propria morte a sua grandesa e a sua integridade, e por isso mesmo merecendo o nosso mais profundo amor, o nosso mais sentido afêto, a nossa mais ampla gratidão.

A grande batalha pode dividir-se em tres partes.

A primeira corresponde ao ataque feito no dia 9 pelo 6.^o Exercito alemão que assaltou as posições anglo-portuguezsas na frente Bois Grenier-Givenchy.

A segunda que corresponde ao ataque feito no dia 10 pelo 4.^o Exercito que se apoderou das posições inglêsas entre Hollebecke e Armentières seguindo depois com o 6.^o Exercito o seu movimento ofensivo.

E a terceira que corresponde ao ataque do dia 16 em que o inimigo avançou para o norte até ao sector belga.

O objectivo inimigo era alcançar a planicie de St. Omer, cortan

do o sector da Flandres da frente central do teatro da guerra e ameaçar as bases inglesas de Dunquerque, Calais e Boulogne.

Tomado o massiço montanhoso do Kemmel, o inimigo ocuparia então a região de Ypres, levando seguidamente até ao mar as tropas anglo-belgas do sector setentrional.

O objectivo não foi porem atingido. As tropas aliadas retiraram, mas venceram.

Durante a noite de 8 para 9 a artilharia alemã executou series de tiros sobre as áreas á rectaguarda e sobre as baterias portuguezas num bombardeamento lento e intermitente.

Às 4 horas e 15 minutos a infantaria alemã lançou-se ao ataque protegida pelo nevoeiro, não havendo tempo de resistir na primeira linha.

Durante todo este tempo foram batidas todas as comunicações e toda a zona ocupada pelas tropas portuguezas por uma chuva constante de metralha.

A morteirada e a artilharia ligeira bateram os caminhos, os calibres medios bateram a artilharia e a linha de defesa das aldeias, enquanto a artilharia pesada bateu os parques, ambulancias, pontes, passagens e os locais, onde se achavam reservas de toda a especie.

O bombardeamento foi tão grande que encheu toda a planicie do Lys e ao brilho das explosões juntavam-se as chamas sinistras das casas que ardiam por toda a parte.

Os gazes asfixiantes sentiam-se igualmente em toda a parte, havendo imperiosa necessidade de colocar as mascaras. Então os exercitos pareciam constituídos por fantasmas, parecia uma lucta diabolica onde o homem era batido por uma infernal chuva de ferro em brasa.

Um enorme cataclismo assolava nesse momento os campos da França martir.

Às 10 horas os alemães tinham atingido a terceira linha e á tarde apoderavam-se de Richebourg l'Avoué, avançando a ala direita até Le Touret.

No sector português assaltaram Richebourg St. Vaast, Lacouture e Lawe.

Na direita atingiram Laventie e Sailly sur La Lys com o fim de alcançarem o Lys.

Pela noite o inimigo ocupou todas as passagens do Lys desde Estaires a Bac St. Maur.

A onda inimiga continuava.

Nalguns pontos nucleos de heroicos portuguezes, que tinham escapado ao bombardeamento, resistiam ainda.

Aqui é uma companhia que se deslôca sob a chuva de metralha á luz duma casa que arde; mais alem é um heroi que sósinho, face a face com o morte oculta, avança, avança sempre e de arma em riste lucha contra alguns inimigos cravando-lhes ferozmente a sua baioneta e saltando de um para outro lado, como louco, na ancia de matar, de matar mais ainda.

Noutro ponto da linha vê-se com espanto que os officiaes, cumprindo nobremente a sua missão, se expõem sobre os parapeitos corrijindo o tiro e animando os seus homens.

Por toda a parte há feridos e mortos ás centenas, e cada vez é maior o ardor e o entusiasmo dos combatentes.

Em Lacouture, onde hoje se ergue magestosamente um padrão portuguez, praticaram-se actos de extraordinaria heroicidade, espantosas cenas de impossivel descripção.

No entretanto as divisões inglêsas formam flanco defensivo o que permite o envolvimento da divisão portugueza.

Pouco antes dos alemães atingirem a terceira linha, aonde se praticavam actos isolados que dignificaram os nossos soldados; ainda se combate corpo a corpo, continuando a tragica recolha dos feridos, dos gloriosos feridos da guerra, que, negros de lama, tintos de sangue e polvora, sufocantes de gazes, recolhiam ás ambulancias.

O inimigo contudo não conseguira o seu objectivo, não é demais repeti-lo, mercê do extraordinario esforço da 2.^a Divisão portugueza que sem reserva e sob o comando do Grande Marechal Gomes da Costa, perdeu heroicamente mais de 1/3 do seu efectivo—327 officiaes e 7.098 praças—provando assim que se bateu com bravura.

Este valor foi reconhecido por todo o mundo, erguendo-se a Patria Portugueza ao mais assombroso pedestal de gloria,—gloria digna do seu brilhante passado.

Vejamos agora ainda que muito resumidamente qual foi a brilhante acção das nossas tropas na memoravel batalha de 9 de Abril de 1918.

Na noite de 8 para 9 de abril as tropas portuguezas preparavam-se para a rendição satisfeitas por irem gosar um bem merecido repouso.

Pelas 4 h. e 15 m. acabava-se de dactilografar a ordem de rendição, quando rompeu o fogo inimigo com grande intensidade.

As ligações telefonicas começaram a falhar estando completamente interrompidas 15 minutos depois, do que resultou ficar o comando da Divisão desligado de todas as tropas.

O General Gomes da Costa deu imediatamente ordem de occupação da linha das aldeias.

Pelas 5 horas o Quartel General era atingido pelas granadas inimigas ficando cercado de crateras e envolto em espesso e asfixiante fumo.

O bombardeamento continuava.

Às 7 h. e 15 m. informaram do Sector de Ferme du Bois que não havia comunicações e que os soldados enviados com o fim de as estabelecer, não regressavam.

Pouco depois chegava identica informação do Sector de Neuve Chapelle e seguidamente do Sector Fauquissart.

O capitão Carteadó Mena, arriscando heroicamente a vida atravez de inumeras dificuldades conseguiu atingir o sector de Ferme du Bois com o fim de colher informações.

Nos flancos do sector portuguez a linha inglesa cedia terreno ao inimigo, enquanto o comandante do XI Corpo Inglês determinava que a Divisão Portugueza morresse na linha B.

Às 11 horas a população debandava e com ela alguns soldados espavoridos e pertencentes a unidades quasi completamente aniquiladas.

Em Fauquissart a 4.^a Brigada resistia ainda com o seu comando firme no Posto de Laventie.

Às 11 horas o inimigo occupava já a linha Laventie—Rouge Croix—Richebourg.

A artilharia portugueza continuava a contra bater tendo algumas baterias feito fogo até ás ultimas munições, inutilizando depois as bôcas de fogo.

O sector de Ferme du Bois era guarnecido pela 5.^a Brigada do comando do Coronel Diocleciano Augusto Martins.

Os efectivos estavam muito reduzidos.

Alguns batalhões tinham 1/3 do seu efectivo nas ambulancias, ou nos hospitaes.

Logo no começo do bombardeamento as baterias deste sector romperam o fogo que só cessou quando as tropas inimigas rompendo o nevoeiro apareceram em frente das suas posições.

O inimigo em grupos armados de metralhadoras invadiu o sector envolvendo algumas unidades.

A companhia do capitão Adriano Pires resistiu heroicamente sendo envolvida e quasi completamente aniquilada, sucedendo o mesmo á do tenente Cesar Rodrigues, enquanto a do alferes Estima consegue retirar apenas com 20 homens.

Doutra companhia salva-se apenas um alferes e um pequeno numero de praças.

Do Batalhão de Infantaria 17, violentamente atacado, só se salvam 100 praças e um official.

O Batalhão de Infantaria 4 cai quasi completamente nas mãos dos inimigos.

Homens dalgumas companhias do 13 e 15 conseguem porem ficar ainda algum tempo em Lacouture suportando heroicamente o choque inimigo, isolados e completamente cercados.

Dão-se então cenas verdadeiramente heroicas.

O bravo sargento Pelotas vendo mortos os homens da sua patrulha, atira-se aos alemães, mata tres e ao lançar-se sobre o 4.^o cai mortalmente ferido.

O capitão Brito e o Tenente Alcidio com um reduzido numero de homens defendem valentemente a posição.

Ao reducto de Lacouture recolhem os officiaes e praças que conseguem escapar á vaga inimiga, constituindo-se a defesa com pequenos efectivos de diversas unidades.

A resistencia durou todo o dia.

Pela noite, nas ruínas de Lacouture, um punhado de portugúeses, cercado e exausto, continuava a resistir.

Eram apenas 30 praças do 15 e 46 do 13.

Há 24 horas que não era distribuída qualquer refeição.

Ao amanhecer o inimigo recomeçou o bombardeamento sobre a minúscula guarnição já sem munições.

Esgotado o ultimo cartucho foi negociada a rendição, tendo ficado prisioneiros os heroicos defensores de Lacouture.

São do «Times» as seguintes palavras de homenagem aos gloriosos militares :

«Os restos de um batalhão português que defendia Lacouture bateram-se com um valor extraordinario».

Emquanto se passavam estes factos que só por si constituem uua brilhante pagina da nossa historia militar, continuava a lucta em todo o sector de Ferme du Bois.

No sector de Neuve Chapelle o inimigo conseguiu igualmente apoderar-se de um grande numero de officiaes e praças tendo sido brilhantissima a acção da Infantaria e artilharia que efectuou milhares de tiros dando os officiaes um notavel exemplo de coragem aos seus soldados.

O Sector de Fauquissart era guarnecido pela denominada «Brigada do Minho» constituída pelos Batalhões de Infantaria 3, 8, 20 e 29, 6.º Grupo de Baterias de Artilharia, 4.º Grupo de Metralhadoras e 4.ª Bateria de Morteiros Medios sob o comando do Tenente-Coronel Mar del Ferreira.

Algumas companhias não tinham mais de 70 a 80 homens, occupando a Brigada um sector com 3.200 metros de frente.

Merece uma particular atenção o modo como esta heroica Brigada resistiu ao inimigo conservando-se sempre como unidade de batalha em acção de conjuncto.

O bombardeamento deste sector começou ás 4 h e 15 m tendo o primeiro morteiro inimigo destruido o abrigo do telefone da companhia da direita matando todo o pessoal e destruindo as ligações.

Ás 5 h e 15 m succedia o mesmo á companhia do centro.

Quinze minutos depois sob uma chuva de projecteis evacuava-se a linha conservando-se apenas a companhia do capitão Cerqueira de Queiroz até que os seus homens, uns foram mortos, e outros ficaram prisioneiros.

Pelas 10 horas deste terrivel dia de batalha o inimigo ocupava as linhas A, B e C de toda a frente combatendo-se ainda nalguns postos da linha do Corpo como Lacouture—Huit Maisons—Le Marais.

O comando da Divisão transferira-se de Lestrem para Colonne tendo sido cumprida a ordem do General inglês visto que o C. E. P. resistira heroicamente retirando quasi aniquilado.

No entretanto os habitantes continuavam em fuga desordenada conduzindo as suas roupas e suplicando para os velhos e creanças logares nos carros.

A chuva de metralha que continuava caindo levava a morte a muitos desses infelizes.

Batalhões inteiros regaram com seu sangue generoso os campos lamacentos da Flandres.

Já passava das 13 horas quando os restos da Divisão Portuguesa que retirava receberam ordem para resistir ainda.

Sendo impossivel a defesa com o deminuto numero de homens que escapára á tempestade de ferro, a Divisão recebeu ordem de retirada para St. Venant sendo a frente portugêsa ocupada por tropas inglêsas.

No dia 10 o Quartel General achava-se em Therouanne e no dia 12 em Frencq.

Estava terminada a batalha com que a Alemanha quizera vencer os aliados e coubera a Portugal a difficil mas honrosa missão de resistir com a sua desfalcada Divisão á avalanche inimiga e de se opôr á realisação completa do seu objectivo.

E emquanto á rectaguarda das linhas onde tinham morrido tantos valentes soldados de Portugal, emquanto em aldeias desmanteladas, em bosques destroçados e em campos revolvidos pela fantastica metralha inimiga, acampam os ultimos homens, restos duma heroica divisão, marcham a caminho do cativeiro, altivos, nobres e com a consciencia do dever cumprido: os prisioneiros de guerra.

A caminho do martirio e de longos menses de fome e injurias, lá vão esses militares que haviam resistido até á ultima hora nas posições que a Patria lhes confiára.

O que foram esses longos menses de terrivel cativeiro conhecem V. Ex.^{as} pela narraçáo feita pelos que os suportaram,

Não devemos esquecer que emquanto os prisioneiros alemães eram tratados com carinho e com deferencias até por vezes demasiadas e dignas de censura, os nossos estavam abandonados da Patria, sujeitos á cruciante fome e aos impiedosos tratos dos seus algozes.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Antes de terminar, permiti que eu saude entusiasticamente os heroicos combatentes da Grande Guerra, e que lhes recorde não só a data de 9 de Abril, mas tambem a de 11 de novembro de 1918, em que com o armisticio, a Alemanha reconheceu a sua derrota.

Trago-lhes decerto á memoria um dia de tragedia e um dia de alegria, em que o mundo inteiro então oprimido e escravizado, se libertou da garra traiçoeira inimiga.

E estas grandes datas historicas que o tempo nunca ofuscará por interpretações falsas, que lhes modifiquem a fisionomia, estas datas de

gloria para Portugal, serão sempre lembradas, enquanto existirem patriotas como os da «Liga da Recordação» fundada em Nova York em 1919, e como a Comissão Portuguesa dos Padrões da Grande Guerra, erguendo em França, nas Colónias Portuguesas e nos Açores, monumentos comemorativos dos mais notaveis feitos dos nossos soldados e marinheiros.

A cadeia de silencio, que há anos cercou o mundo, acordou-nos para a recordação dos nossos mortos, como sentida homenagem aos que nobremente cumpriram o seu dever nos campos sanguinolentos da batalha...

Os Padrões perpetuarão no marmore os nomes gloriosos dos Combatentes da Grande Guerra.

Sejam as minhas ultimas palavras para os combatentes, e em especial para os que no cativoiro sofreram as agruras da vida de prisioneiro de guerra.

Para esses valentes militares tão distinctamente representados nesta Ilha; para esses Camaradas Ilustres que heroicamente se bateram pela Patria Portuguesa, pela gloriosa Bandeira verde-rubra de Portugal, vão as minhas saudações e decerto a vossa admiração e o reconhecimento de toda a Patria eternamente agradecida.

Disse.

*Acabou de imprimir-se no dia 10 de
Setembro de 1930.*

Trezentos exemplares só para ofertas.



